

Capa Reportagens Colunas Fotografia Blogs Multimídia Especial Agenda

Quem Somos

O verde indesejado do Pantanal

Andreia Fanzeres

26/11/2009, 13:52



Braquiária d'água: praga que atinge o Pantanal e de difícil eliminação. Foto: Adalberto Eberhard



7
tweets

retweet

Um dos nomes mais recorrentes na lista de problemas ecológicos nas áreas protegidas brasileiras se chama braquiária. Este tipo de capim se reproduz a uma rápida velocidade e substitui campos nativos de maneira quase incontrolável. O que pouca gente sabe é que até as áreas úmidas estão sendo acometidas pela propagação de outra espécie exótica e invasora com uma característica que a coloca em grande vantagem para colonizar o Pantanal: a braquiária d'água ou tanner grass (*Brachiaria subquadripata*). Ela é uma das raras plantas que se dão muito bem em ambientes aquáticos, por isso tem silenciosamente impactado este que é tido como o bioma mais preservado do país.

Quem entende de Pantanal não tem dúvidas sobre a gravidade da expansão dessa espécie africana pelas áreas alagadas da planície. Apesar disso, ainda não existe no Brasil nenhum projeto de grande escala que tenha mapeado ou esteja acompanhando a expansão da braquiária d'água na região, que tem forte capacidade competitiva com a flora nativa e dificilmente sofre pressões negativas, como predação e parasitismo. "Hoje ela é considerada a pior planta daninha aquática. Foi encontrada no interior do Parque Nacional do Pantanal (MT), na reserva particular Sesc Pantanal (MT), e lagoa do Jacadigo (MS), ao sul de Corumbá", lembra o agrônomo Robinson Pitelli, da UNESP de Jaboticabal. A espécie também já foi vista dentro da reserva particular do patrimônio natural Dorochê, administrada pela Fundação Ecotrópica.

Arnildo Pott, pesquisador aposentado da Embrapa Gado de Corte, em Campo Grande, acredita que a braquiária d'água tenha chegado nos anos 80 ao Pantanal, embora colonize outras áreas do Brasil há muito mais tempo. Mas ela não atendeu as expectativas protéticas que os produtores tinham. Pitelli detalha. "No Pantanal, alguns fazendeiros viram nesta espécie a possibilidade de viabilizar pastagens em áreas úmidas e introduziram-na voluntariamente. Depois descobriram que este capim é tóxico para o gado, pois causa acúmulo de nitrato e outras substâncias e, então, ela foi abandonada por alguns. Mas se propaga facilmente por fragmentos, vai se quebrando e formando outras plantas", descreve Pitelli. Nas margens dos rios, elas se desprendem junto com os camalotes (porções de vegetação que descem os rios do Pantanal em época de cheia) e se enroscam, compondo uma teia danosa à vida subaquática. "Ela cresce sobre os aguapés e forma uma manta. Isso os mata os aguapés e o nicho de reprodução dos peixes de couro fica prejudicado", completa o pesquisador.

Dieta alterada

Mas os danos à biodiversidade podem ir além. Ao substituir a vegetação de capins nativos, a braquiária d'água altera os hábitos alimentares de outros animais, como aves e peixes. No entanto, avaliações aprofundadas sobre esses efeitos ainda são raras. "Temos uma pesquisa no reservatório de Porto Primavera (divisa de Mato Grosso do Sul com São Paulo) e notamos que os cervos do Pantanal não estão comendo este capim. Isso restringe a sua área de alimentação, eles passam a competir mais entre si, se tornam presas fáceis e podem até desaparecer", cita Pitelli.

Para Sandra Santos, pesquisadora da Embrapa Pantanal, além do impacto ambiental, as espécies gramíneas

Tags populares

amazônia apps aves
biodiversidade cerrado
cidades conservação cop15
desmatamento ecoturismo
fauna flora florestas fogo
fotografia licenciamento
ambiental mata atlântica
mudanças climáticas
pesquisa política ambiental
política pública redd
sustentabilidade unidades de
conservação água



In English by
Google Translator



THE HEWLETT
FOUNDATION



exóticas adaptadas a áreas alagadas da região podem competir com espécies forrageiras de grande valor nutricional, como as gramíneas nativas temperadas, localizadas nas áreas mais baixas da planície, significando impacto também econômico.

Já foi possível observar que a colonização de plantas deste tipo provoca redução no fluxo de água de pequenos corpos hídricos, que deixam de contribuir com médios e com grandes. Em reservatórios, esse processo pode levar a uma redução significativa do seu nível no período de estiagem. Em canais urbanos, também invadidos pela braquiária d'água, elas se acumulam e impedem o escoamento da água das chuvas, contribuindo para inundações.

Dilema da eliminação



Pott: 'Fazer controle biológico de gramíneas no Pantanal é complicado'. Foto: Plataforma Lattes

A Embrapa Pantanal está desenvolvendo indicadores para avaliar o estado de conservação das pastagens no bioma e esta ferramenta poderá ser usada para monitorar as áreas invadidas pelas espécies exóticas. Mas erradicar a braquiária d'água é outra história.

Segundo Pott, tentar erradicá-la numa lavoura seria possível, mas não num lugar como o Pantanal. "Fazer controle biológico de gramíneas também é complicado, porque às vezes um fungo ou inseto que se introduz com esse objetivo não controla apenas a invasora, mas todas as outras. Neste caso, é preferível não mexer", opina. Produtos químicos existem, mas, para Pott, usá-los em ambientes aquáticos poderia trazer conseqüências desastrosas. "Estamos querendo avaliar como a braquiária se comporta nas épocas de cheia e seca dentro do parque, mas sabemos que a erradicação é muito complicada dentro de uma unidade de

conservação, especialmente se for cogitado o uso de herbicidas", aponta Solange Zaniollo, analista ambiental do Instituto Chico Mendes (ICMBio) que trabalha no Parque Nacional do Pantanal.

"A braquiária d'água é um problema grave, mas não é o fim do Pantanal. Ela não vai cobrir toda a região porque está restrita a solos argilosos, férteis", acredita Pott. Segundo Sandra Santos, da Embrapa Pantanal, a instituição está empenhada no desenvolvimento de tecnologias de processos para conhecer as reais causas da invasão e assim definir critérios de manejo e controle adequados.

Pott, cuja esposa Vali foi a primeira pesquisadora a identificar a braquiária d'água no Parque Nacional do Pantanal, estima que o bioma esteja ocupado por uma centena de outras espécies exóticas que não representam alarde. "A maioria das outras plantas exóticas só entra no Pantanal nos lugares secos, como aterros de estradas, beira de casas, e só aparece nos campos quando excepcionalmente há uma seqüência de anos secos, mas a cheia dá uma disciplinada", diz o pesquisador. As preocupações com as outras espécies não nativas que ocuparam as áreas secas do Pantanal só serão diminutas, no entanto, enquanto houver a variação natural dos ciclos de cheias e vazantes no Pantanal, explicou o pesquisador. Mas, infelizmente, a construção de barragens, o desmatamento e as plantações nas áreas de planalto e nascentes há muito tempo dão sinais claros de que essa saúde pode estar por um fio. 🐾

Tags: [espécies exóticas](#) [pantanal](#) [pesquisa](#)

Comentários

[Adicionar RSS](#)

Parabéns

fernando May 26/11/2009 22:25:28

Parabéns pela reportagem.

Plantas Exóticas no Pantanal

José augusto Ferraz de Lima 27/11/2009 10:12:22

Reportagem com elevado nível de informações seguras e interessantes para a comunidade científica, em geral e conservacionistas de todos os calibres.

Importante para elucidar a questão da braquiária, tanto quanto atenta para outras invasoras que podem estar despercebidas e causar problemas futuros no Bioma. Acredito que os estudos de etnobotânica envolvendo as comunidades do entorno do Parque Nacional do Pantanal, poderá trazer novas informações sobre as plantas exóticas introduzidas no Bioma.

Brachiaria

Adarilda Petini Benelli 27/11/2009 11:56:59

Parabéns pela belíssima matéria que traz informações muito reais e importantes que o público tenha acesso. Parabéns à toda a equipe, principalmente, ao querido Prof. Arnildo Pott por todo o trabalho que realiza no Bioma Pantanal, ainda um grande desconhecido! São de trabalhos assim que precisamos cada vez mais!

Prof. Dr.

Juan José Neiff 28/11/2009 13:57:33

Es muy importante esta tarea que está haciendo ECO, al concientizar a la población de los problemas ecológicos, siendo analizados por especialistas de la calidad de los Prof. Pitelli y Pott, que son referentes internacionales en este tema.

El Dr. Pott ha puesto en su verdadero contexto al problema, sin generar alarma en la población y comentando la importancia de mantener el régimen de pulsos (secas y crecientes) del Pantanal, que son los verdaderos guardianes de las áreas alagaveis.

Las especies exóticas, tanto plantas como animales, estarán fuertemente limitadas por esta variabilidad hidrológica, a diferencia de los organismos nativos, que durante miles de años han evolucionado con esta variabilidad.

Yo deseo ponerme a disposición de estos prestigiosos investigadores para colaborar a establecer los límites de tolerancia de esta (y de otras) especies invasoras de areas húmedas. Un cordial saludo.

JJ.

<http://www.neiff.com.ar>

<http://www.cec.oal-conicet.gov.ar>

Escrever comentário

**Comentários são moderados e aceitos sempre
que não trouxerem termos abusivos ou ofensivos.**

Nome:

Email:

Título:

editor@oeco.org.br

Tel +55 (21) 2225-7573

© Copyright 2008 O Eco - todos os direitos reservados